

Um marxista caribenho: o pensamento e a práxis de Cyril Lionel Robert James¹.

Tiago Hilarino Christophe da Silva

Mediante esta pesquisa, pretendemos recuperar a trajetória política e intelectual de Cyril Lionel Robert James (1901-1989), caribenho, historiador, romancista, jornalista e militante dos movimentos anti-colonialista e operário, que se tornou uma liderança do movimento trotskysta na Inglaterra, bem como relacionar suas obras com o contexto político e social á época de sua formulação e publicação.

Especificamente, abordaremos a fase inicial de sua formação intelectual e política, e a influência desta em *Os Jacobinos Negros*, obra de James dotada de grande significância para os estudos que buscam a compreensão das relações entre o personagem e a história.

Para tanto, nos propomos a realizar um trabalho de História Intelectual, que toma como fontes obras biográficas e historiográficas que abordam o pensamento e a práxis de C. L. R. James, assim como suas próprias obras, dando ênfase às relações possíveis entre o personagem e a história propostas pelo autor.

Nascido em Trinidad e Tobago em 1901, na época colônia da coroa britânica, C. L. R. James teve, de acordo com Anna Grimshaw, pesquisadora do Instituto C. L. R. James², suas características essenciais de interpretação da sociedade largamente influenciadas pelo contexto de suas vivências infantis e juvenis em Trinidad e Tobago, onde permaneceu até 1932.

Foi neste momento de sua vida que James desenvolveu alguns dos traços que viriam a marcar o método pelo qual, mais tarde, examinaria todos os outros fenômenos sociais, combinando os inúmeros elementos que, segundo ele, consistiriam a existência humana, notadamente a combinação entre espetáculo, história, político, indivíduo e sociedade.

Outra grande influência no trabalho de James foi a literatura. De acordo com Anna, “a importância da literatura na formação de James surgiu a partir, (...) do seu intuito de agarrar um mundo integrado, próximo da personalidade na sociedade. James cedo reconheceu que a

¹ Trabalho decorrente do Programa de Bolsa de Iniciação Científica do Centro Universitário Fundação Instituição de Ensino para Osasco(PBIC/UNIFIEO), orientado pelo prof. Dr. Ival de Assis Crippa.

² O instituto C. L. R. James foi fundado em 1984 com pela autorização do próprio, constitui-se de um arquivo central e de recursos dedicados a documentar C. L. R James, o povo, os círculos, os movimentos aos quais foi associado e os temas de relevância para os estudos de James.

literatura ofereceu-lhe uma visão da sociedade, um único vislumbre das forças humanas e das lutas que animavam a história.”³

C. L. R. James se apropriou de tudo o que a cultura europeia erudita tinha lhe oferecido, como as bases clássicas da literatura e da história, assim como as artes e a música. Esta apropriação de elementos da cultura erudita culmina com o rompimento de James com sua escolaridade formal, abrindo a possibilidade de trilhar seu próprio caminho para estabelecer uma visão autônoma sobre o mundo, onde coexistiam elementos da cultura europeia com objetos autenticamente caribenhos.

Em 1932, James, aos 31 anos de idade, muda-se para a Inglaterra para promover sua carreira literária, onde teve seu talento reconhecido devido à sua bela caracterização, senso de humor e ironia, surpreendendo os intelectuais ingleses frente ao seu domínio do idioma, o conhecimento da cultura e civilização europeia, sua história, arte, literatura e música.

Ironicamente, porém, o compromisso feito por James para uma carreira política significou que ele não reconheceu publicamente, até muito mais tarde, o lugar central da literatura em sua vida de trabalho.

No primeiro ano que passou na Inglaterra, especificadamente em *Lancashire*, James trabalhou para o *Manchester Guardia*, como um repórter de *cricket*, aumentando o seu perfil público, ajudando-o futuramente na viabilização de suas publicações, e se dedicou às memórias de seu amigo *cricketer* Learie Constantine, ajudando-o a transformá-las em uma autobiografia.

Decorrente deste trabalho, James e Constantine aprofundaram sua amizade e formaram um forte vínculo político em torno da questão da independência das Índias Ocidentais. Com a ajuda de Constantine, James conseguiu publicar pela primeira vez um panfleto sobre esta questão.

Em 1933, James mudou-se para Londres, onde começou uma campanha para a independência das Índias Ocidentais, enquanto em Trinidad e Tobago foram publicadas suas primeiras obras que abordavam os assuntos ligados aos seus preceitos anti-colonialistas.

Durante sua experiência de vida em Lancashire, James teve contato com a militância industrial dos trabalhadores e começou a estudar as obras de Marx, Engels, Lênin e Trotsky. Nesta mesma época, em seu contato com seus amigos de Lancashire, tomou consciência dos conflitos em escala mundial e das posições tomadas pelos seus líderes. Esta cisão marcou profundamente a obra de James e acabou por criar uma tensão criativa na sua própria

³ GRINSHAW, A. C. L. R. **James: A Revolutionary Vision for the 20th Century**

trajetória política e intelectual. O deslocamento de James para Londres em 1933 marcou o início de sua carreira como uma figura do movimento trotskista, atrelando sua abordagem da sociedade às questões de política revolucionária, redimensionando-as em sua tentativa de integrar as lutas dos domínios coloniais europeus dentro da tradição revolucionária.

Em sua tentativa de pensar as lutas dos domínios coloniais dentro dos modelos teóricos e metodológicos propostos pela tradição revolucionária, James aliou uma extensa pesquisa histórica com a possibilidade e proposta de reavaliação de fenômenos sociais e seus líderes ao longo da história, que lhe permitiriam defender suas propostas políticas, pois, “da evolução do passado ao presente, (...), obtêm-se uma projeção até o futuro: um projeto social que se expressa numa proposta política.”⁴

Neste sentido, *Os Jacobinos Negros*, obra que aborda as questões referentes à revolução negra de São Domingos e a sua relação com a sua principal liderança, Toussaint L’Ouverture, e que mais tarde seria interpretada como um texto seminal no estudo da diáspora Africana, é uma referência de análise histórica, que trabalha a relação entre as lideranças e os movimentos sociais e que coloca os negros como agentes de sua própria história.

Os Jacobinos Negros foi publicado pela primeira vez em 1938 na Inglaterra, mas James já havia escrito sobre o assunto antes de deixar Trinidad e Tobago em 1932. Segundo o próprio James, sua principal motivação para efetuar a sua pesquisa foi seu convencimento da “necessidade de escrever um livro no qual analisaria que os africanos ou seus descendentes, em vez de serem constantemente o objeto da exploração e feridade de outros povos, estariam eles mesmos agindo em larga escala e moldando outros agentes de acordo com suas próprias necessidades.”⁵

Por não considerar a produção intelectual sobre a revolução de São Domingos, atual Haiti, que tomou contato no Caribe e na Inglaterra, o autor passou a “importar da França livros que trataram seriamente desses eventos tão célebres na história daquele país.”⁶

Algum tempo depois, James teve sua pesquisa custeada por um amigo, afim de que pudesse viajar para a França para pesquisar mais materiais em arquivos, onde permaneceu por cerca de seis meses. Em Paris, James conheceu o “coronel Nemour, um haitiano que havia escrito uma história militar sobre a guerra de independência em São Domingos e desde aquele dia ficou convencido de que nenhum comandante militar, ou estrategista, afora o próprio

⁴ FONTANA, J. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: Edusc, 1998.

⁵ JAMES, C. L. R. **Os Jacobinos Negros**. São Paulo: Boitempo editorial, 1980

⁶ *Ibid*

Napoleão, entre os anos de 1793 e 1815, superou Toussaint L'Ouverture e Dessalines.”⁷

O autor considerou que suas principais qualificações para escrever *Os Jacobinos Negros* foram não só o estudo do marxismo, que desenvolveu no período que esteve na Inglaterra, o contato com escritores como Jean Jaurès, Mathieu e Michelet mas, sobretudo, o fato de ter passado a maior parte de sua vida numa ilha das Índias Ocidentais, semelhante ao Haiti.

No preâmbulo escrito em Janeiro de 1980, James afirmou que uma das grandes virtudes da obra “é o fato de estar solidamente baseado nas grandes transformações sociais que ocorreram no mundo entre 1789 e 1815”⁸ e da sua compreensão de que “foram os próprios escravos que fizeram a revolução.”⁹

Ainda no preâmbulo, declarou que ele e as pessoas com as quais esteve politicamente associado, deram “uma ênfase muito grande ao fato de que os escravos reunidos às centenas nas usinas de açúcar da Planície do Norte deviam muito de seu sucesso ao fato de terem sido disciplinados, unidos e organizados pelo próprio mecanismo de produção fabril.”¹⁰

As questões levantadas por James não eram somente sobre a natureza e o curso da própria revolução, mas sim sobre a evolução das relações entre os dirigentes e as pessoas ditas “comuns”, bem como as dinâmicas entre as lutas situadas nas periferias e aquelas situadas nos centros. “Tratava-se de uma questão que se transformou em diferentes formas ao longo da carreira de James – às vezes ele foi colocado como a relação entre o proletariado das nações imperialistas e as populações indígenas; em outros, como a ligação entre as lutas das diferentes partes de uma população nacional única.”¹¹

James procurou lançar dúvidas sobre a hipótese de que a revolução teria espaço em primeiro lugar na Europa, nos países capitalistas avançados, e que estes iriam funcionar como modelos para o mundo subdesenvolvido, e defendeu que havia indicações claras de que a falta de líderes treinados, ou de uma vanguarda revolucionária, não impediu o movimento revolucionário de São Domingos.

Em *Os Jacobinos Negros*, C.L.R. James se propôs a refletir, a partir do processo de revolta e emancipação de São Domingos, sobre a maneira de como os africanos e seus descendentes “não seriam apenas uns objetos de exploração de outros povos, eles estariam

⁷ JAMES, C. L. R. **Os Jacobinos Negros**. São Paulo: Boitempo editorial, 1980

⁸ *Ibid*

⁹ *Ibid*

¹⁰ *Ibid*

¹¹ GRINSHAW, A. C. L. R. **James: A Revolutionary Vision for the 20th Century**

moldando outras sociedades de acordo com suas próprias necessidades.”¹²

Para tanto, o autor se insere em um debate acadêmico característico da época, em que parte dos autores se opunham à visão personificante das forças sociais, propondo antes uma visão na qual se verificaria certo caráter econômico-fatalista da História. O autor redimensiona este debate e se propõe a construir uma obra em que “grandes homens fazem a História, mas somente aquela que lhes é possível fazer, tendo sua liberdade de ação limitada às necessidades do meio.”¹³

Recuperando este debate ao qual a obra de James está inserida, Maria Helena Capelato observa que, “a história positivista, pretensamente científica, mas de fato apologética, enaltecia as ações individuais, os grandes homens, seus feitos heróicos e privilegiava a história política.”¹⁴

Com a Escola dos Annales, afirma Capelato, esta historiografia foi criticada pelo uso da análise do tempo curto, preso a grandes personagens, negligenciando os aspectos econômicos, sociais e mentais. Já o marxismo, afirma ainda a autora, critica a interpretação positivista da história, baseado principalmente na Ideologia Alemã, de autoria de Marx, o qual afirma que: “são os homens que são os produtores de suas representações e idéias, mas são os homens reais, condicionados por um desenvolvimento das forças produtivas e relações que a elas correspondem” MARX (apud Capelato, 1992, p.240).

A partir de uma determinada interpretação marxista se estabelece uma produção intelectual de ênfase estruturalista em detrimento dos sujeitos, retirando-se da história os “homens reais” de Marx.

Procurando estabelecer novas relações entre indivíduo e história, Capelato recupera uma produção historiográfica que reintroduz os indivíduos como agentes históricos, recuperando-os e inserindo-os num todo que os integrem e os expliquem, conforme autores como E.P. Thompson e Carlos Guinzburg, que abordam o problema que fora deixado de lado pela ortodoxia: o lugar dos sujeitos históricos.

No decorrer do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, pretende-se recuperar as obras de tais autores, possibilitando uma discussão sobre de que forma James resolve esta questão, pois ele mesmo na introdução de sua obra afirma: “Hoje (...) tendemos a personificar

¹² JAMES, C. L. R. **Os Jacobinos Negros**. São Paulo: Boitempo editorial, 1980.

¹³ *Ibid*

¹⁴ CAPELATO, M.H.R. **O personagem na história. Perón e Eva: produtos da sociedade argentina**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992.

as forças sociais, com grandes homens sendo meramente, ou quase, instrumentos nas mãos do fatalismo econômico. Como acontece frequentemente, a verdade não está nos extremos, mas no meio.”¹⁵

¹⁵ JAMES, C. L. R. **Os Jacobinos Negros**. São Paulo: Boitempo editorial, 1980.

Bibliografia

CAPELATO, M.H.R. O personagem na história. Perón e Eva: produtos da sociedade argentina. In: BRESCIANI, M.S; SAMARA, E. e LEWKOWICZ, I. (Orgs.) **Jogos da Política**. São Paulo: Marco Zero, 1992. p. 239-245.

ENGELS, F; MARX, K. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

FONTANA, J. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: Edusc, 1998.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRINSHAW, A. C. L. R. **James: A Revolutionary Vision for the 20th Century**. New York: C.L.R. James Institut, 1991.

GOMES, A.C. **História, Historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões**. In SOIHET, R; BICALHO, M.F.B E GOUVÊA, M.F.S. (org.) **Culturas Políticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 1992. p. 21-44.

GOUVÊA, M.F.S. **Diálogos historiográficos e cultura política na formação da América Ibérica** In SOIHET, R; BICALHO, M.F.B E GOUVÊA, M.F.S. (org.) **Culturas Políticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 1992. p. 67-84.

JAMES, C.L.R. **Os Jacobinos Negros**. São Paulo: Boitempo editorial, 1980

MARX, K. **O 18 de Brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operaria inglesa**. Rio de Janeiro, 1987